

O NORTE

do

DISTRITO

QUINZENÁRIO (de) FIGUEIRO DOS VINHOS



À Biblioteca - geral da Universidade de Coimbra

Avença

Proprietário: Dr. Ernesto Lacerda

Orgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

Director e Editor: Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado

25 de Setembro de 1966

Chefe de Redacção: Prof. A. Paula Santos

ANO XIV

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL - FIGUEIRO DOS VINHOS - TELEFONE 7

N.º 330

LUTO

NA ÁFRICA DO SUL

A NGUSTIOSA surpresa para todo o Mundo!

Há seis anos fora o estadista sul-africano alvo de outro atentado, de que felizmente escapara ileso. Ambos perpetrados por brancos. E todavia Hendrick Frensch Verwoerd era o artífice do «apartheid».

La completar 65 anos, quando o assassino o prostou à facada em pleno parlamento da Cidade do Cabo. Muito inteligente, cheio de energia e optimismo, era um estadista confiado na sua vontade e no seu programa de administração e governo.

Nascera em 1901 numa aldeia da Holanda; em 1602 seus pais emigraram para África do Sul. Ali cresceu e ali se lhe formou no espírito que a noção de aquele país era dos boers e não dos ingleses.

Estes proporcionavam aos jovens escolares que se distinguíam grandes vantagens, a fim de captarem a inteligência da jovem nação. Hendrick recusou as bolsas de estudo que lhe permitiriam frequentar as universidades de Hamburgo, Leipzig, de Berlim.

O seu espírito era essencialmente sul-africano. Foi professor de Stellenbosch e cedo entrou na política. O seu nacionalismo ardente levou-o não só à política, mas a um meio de servir com eficácia as suas ideias; ao jornalismo.

Com o jovem advogado Johannes Strijdom funda o jornal «Die Transvaler», órgão nacionalista, de que foi redactor principal de 1937 a 1948, o partido nacionalista tornou-se uma força e assumiu o governo. Verwoerd foi duas vezes ministro, antes de em 1958 ascender ao cargo de primeiro ministro.

Nestas novas responsabilidades começou a realizar comecços duma solução para o problema do «apartheid», criando nucleos onde os negros poderiam viver a sua vida, sem serem absorvidos pelos brancos e sem pretenderem absorverem os brancos. Seriam os «bantoustans».

E' uma política apenas esboçada, uma experiência, de que Verwoerd esperava uma solução para o problema sul-africano. A situação na República da União Sul-Africana é única no Mundo. Por isso o Mundo olhava com interesse esta experiência.

Quem matou à facada o primeiro ministro da República Sul-Africana? Um indivíduo que aparentemente nenhum motivo tinha para o crime. Por isso se deu logo crédito à versão de que se trata dum louco, que obedeceu ao ímpete dum instinto magnicida. Seria. O Mundo anda cheio de loucos e transviados, excitados por propagandas criminosas. Apesar disso houve no Mundo vivo movimento de repulsa pelo crime. Houve também quem quase o aplaudisse. O parlamento da União Indiana recusou aprovar um voto de pesar. E alguns jornais ingleses e americanos não se esquivaram a manifestar em ocasião tão pouco adequada a antipática que lhes era a política do primeiro ministro da África do Sul.

Estas atitudes são a sementeira dos ódios que de vez em quando fazem esmaltar a história moderna de crimes hediondos, como este do parlamento do Cabo. E não são poucos os que já se contam no «haver» dos agitadores e das «emancipações». Eis mais uma resenha dos magnicídios perpetrados desde que a vitória de 1945 iniciou a era nova no Mundo.

Verwoerd teve furerais nacionais no seu país. Que o sacrifício desta vida dê à sua pátria tranquilidade e segurança.

SENA

DR. ULISSES CORTEZ

A fim de assistir às reuniões do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, partiu há dias para Washington o sr. dr. Ulisses Cortês, Ministro das Finanças, que seguiu acompanhado pelos srs. eng.º Daniel Vieira Barbosa, governador do Banco de Fomento; profs. drs. Pinto Barbosa, governador do Banco de Portugal; Jacinto Nunes, vice-governador do Banco de Portugal; e Teixeira Pinto vice-governador do Banco de Fomento.

Antes da partida, o sr. dr. Ulisses Cortês sublinhou que Portugal comparecia, dada a importância das Reuniões e a actualidade dos problemas que nelas devem ser versados. E acrescentou:

«A nossa comparência significa, pois, o interesse do Governo português pela actividade daqueles altos organismos e o seu propósito de contribuir, de modo positivo, para a solução dos problemas monetários em estudo e para o estreitamento da cooperação económica internacional.

A solidez da nossa moeda, o equilibrio da balança de pagamentos, a estabilidade financeira e o ritmo satisfatório do crescimento económico asseguram-nos um lugar de prestígio no concerto das nações.

Espero que a minha missão seja frutuosa e que, com a colaboração e apoio da restante delegação, ela possa traduzir-se em resultados úteis para o interesse nacional.»

Alfere José Carlos Portela

Em missão de soberania partiu, recentemente, para a província ultramarina de Moçambique o nosso estimado assinante e conterrâneo Sr. Alfere Paraquedista José Carlos e Silva Portela a quem desejamos as maiores felicidades no desempenho da sua nobre missão.

RAMAL

DE S. SEBASTIÃO

Prosseguem, em bom ritmo, as obras de alargamento e outras beneficiações que a Câmara está a realizar na estrada que conduz ao «Cimo da Vila».

Trata-se de um melhoramento de grande importância para a nossa terra, pois além de facilitar grandemente o acesso da viação automóvel a toda a parte alta da vila, que até agora se fazia em condições muito deficientes, fica a constituir uma das suas melhores e mais desafogadas artérias.

ORDEM NA ESTRADA

As alterações introduzidas no Código da Estrada e o sinal de alarme, dado a tempo, por quem para tanto possui autoridade e conhecimentos, estão produzindo seus frutos.

Embora seja um número suficiente de efectivos, a P. V. T. tem andado numa roda-viva em cata dos eternos prevaricadores. E o seu aturado e exaustivo labor, a todos os títulos louvável, tem sido largamente compensado com o estrondoso êxito que vem coroando o seu trabalho. Estamos em crer, tão elevada tem sido a soma de cartas apreendidas, que as estradas vão ficar algo *libertas* dos fantasmas da morte que por elas têm corrido impunemente. E' incondicional o nosso aplauso para esta campanha que a P. V. T. vem desenvolvendo persistentemente. Desde sempre que defendemos este método salutar e profilático.

Os progressos da hora presente no sector da produção automóvel, acrescidos, ainda, das exigências actuais, *fabricaram* milhares de condutores sem a mínima vocação, para o exercício de tão delicado mister. Daí resulta, como é óbvio, o toparam-se nas rodovias, ao volante de um carro potente ou de um simples motociclo, pessoas que vão sentadas ao comando da viatura como poderiam ir a puxá-la entre varais... O rigor da imagem, um tanto irreverente, serve apenas para demonstrar, comparativamente, o que falta, em consciência e competência, à grande maioria dos indivíduos que guardam no bolso um título que os autoriza a guiar um automóvel na estrada. Na mesma estrada por onde transitam também, felizmente, condutores sensatos e prudentes — vítimas, tantas vezes, da louca fúria dos celerados.

Não há dúvida — repita-se — que só uma intensa e constante repressão policial, nas rodovias como nos centros urbanos de tráfego mais fluente, é que pode trazer aos respectivos utentes alguma segurança e tranquilidade. A antecipada certeza, como até há pouco sucedia, de que na estrada raro aparecia um agente fiscalizador, gerou em muitos cérebros insalubres uma espécie de confiança na impunidade total para seus actos criminosos.

Agora, porém, deu-se brusca mutação na sena: o guarda da P. V. T. surge quando menos se espera, e o delinquente por inveterado hábito, o desvairado condutor, é apanhado «com a boca na botija»...

Humilha-se cinicamente, procura uma justificação para a falta cometida, chega a invocar os pergaminhos da ascendência, mas de nada lhe vale o experiente.

Dura lex, sed lex! Desrespeitou o Código da Estrada. Desobedeceu ao que a lei preceitua — nada livrará o infractor das penas a que haja lugar.

Supomos que o comando geral da Policia de Viação e Trânsito não tenciona abrandar na meritória acção repressiva há dias iniciada por todos os seus elementos, desde o próprio comandante ao mais jovem agente. Nesse humano propósito, que nós consideramos da mais sólida garantia para vidas e haveres de quem viaja (em qualquer veículo ou a pé), assentam, confiantes, as esperanças da população portuguesa.

Se os *desencartados*, aos quais haja sido ou venha a ser cassada a carta por atentado à letra do Código, não teimarem em conduzir mesmo sem ela, o movimento nas estradas há-de ressentir-se, forçosamente, da ausência dos seus temíveis perturbadores. E quando *nascer*, no espírito dos condutores, a certeza de que ao desfazer uma curva pode estar o agente da autoridade, o panorama do tráfego entre nós modificar-se-á favoravelmente. Todos lucrarão com isso e todos hão de louvar, então, as medidas repressivas que a P. V. T. está exercendo, presentemente, e que os anarquistas da estrada podem classificar de excessivas e violentas...

Luis Frias Fernandes
Médico

DOENÇAS DAS CRIANÇAS — CLÍNICA GERAL

TELEFONE 38 FIQUEIRO DOS VINHOS

MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES
MÉDICA

Doenças da boca e dentes

Consultas s 2.^{as}, 4.^{as} e sábados das 9 às 12 horas e 5.^{as} e sábados das 15 às 18 horas.

Telefone 98 FIQUEIRO DOS VINHOS

Manuel Alves da Piedade
Médico

CLINICA GERAL

Telefone 98 FIQUEIRO DOS VINHOS

TELEFONE P. P. C. 50



Marca Registrada N.º 107.738

Elias Tavares Cravo
MÉDICO-ESPECIALISTA

Doenças dos olhos - Operações

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, no 1.º e 3.º sábado de cada mês, às 9^h 30^m.

TRILHO Y BLANCO
MÉDICO-ESPECIALISTA

Ouvidos-Nariz-Garganta

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, nas 1.^{as} e 3.^{as} quartas-feiras de cada mês, às 9^h 30^m.

PROPRIEDADES
VENDEM-SE

— Composta de Pinhal, Eucaliptos e Oliveiras, sita ao Barreiro, ou Vale das Albardas de Baixo. Confronta com a estrada distrital e estrada do Campo da Bola.

Casa de Habitação, ao cimo da Vila, S. Sebastião.

Quem pretender dirija-se a D. Alzira Paiva Vidigal, Rua Praia da Vitória N.º 20 — LISBOA-1

Aceitam-se propostas.

Assine este JORNAL

Atenção, Srs. Vinicultores! A DROGARIA GRANADA

encontra-se à vossa disposição para o fornecimento, nas melhores condições de qualidade e preço, de todos os produtos para a vinificação e trabalhos preparatórios.

- Ácido tartárico
- Açúcar cãndi
- Metabissulfito
- Sebo Francês
- Produtos para lavagem e conservação de vasilhame
- Pesa-Mostos
- Pesa-Aguardentes
- Pesa-Vinhos

Alcool Vínico

■ ■ ■ ■ ■

USE VINIT

O VINIT elimina e combate eficazmente as gorduras rançosas, maus cheiros, maus gostos, sequeiros, baviros, acidez, azedume, podridões, e todos os «males» que atacam o vasilhame.

■ ■ ■ ■ ■

Antes de vos decidirdes impõe-se uma visita à

DROGARIA GRANADA

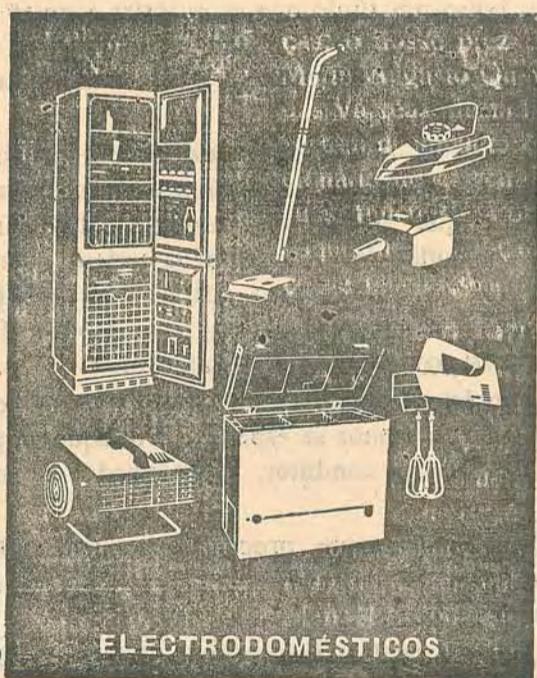
TELEFONE 135

Rua Dr. António José Almeida

Figueiró dos Vinhos

Ourivesaria Lourenço

ELECTROBOMBAS PARA TODOS OS FINS
Agência PHILIPS - SIERA - PONTO AZUL - NATIONAL - BOSCH



ELECTRODOMÉSTICOS

TELEFONE 105

FIGUEIRO DOS VINHOS

Encarrega-se de todos os consertos em RADIO e TELEVISÃO

COBRANÇAS DIFÍCEIS

trata José Pereira Esteves, em Lisboa e Província.

Travessa dos Arneiros, 15 r/c, Esquerdo — Lisboa-Benfica, telefone 700491.

Anunciar em «O Norte do Distrito» é fazer chegar os produtos de V. Ex.^a a todo o mundo.

SEI!!!

Efectuam-se de Pinhais e em todos os ramos.

JOAQUIM DE MATOS PINTO
Figueiró dos Vinhos.

Máquina de costura Singer

Cose e borda. Vende-se por 2200\$00 como nova, com garantia por 10 anos.

Também vende outras marcas à escolha do cliente.
Irolinda Nunes Curado — Figueiró dos Vinhos.

O MELHOR PÃO-DE-LÓ É O DA

CONFEITARIA Santa Luzia

DE A. C. Campos

TELEFONE 129

FIGUEIRO DOS VINHOS

TERRABELA-HOTEL

UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA

INSTALAÇÕES MODERNAS

BAR — CAFE — RESTAURANTE — BILHARES

Serviços de Casamentos e Baptizados

PREÇOS ESPECIAIS

FIGUEIRO DOS VINHOS

Telefone PBX — 50

M. TEIXEIRA

SUCESSOR DE

Soç. Comercial Figueirense, L.da
(ANTIGA PRISTA)

Telefone 81

FERRAGENS E TINTAS • AGENTE DA «ROBIALAC»

Correspondente do Banco Pinto de Magalhães, L.da

FIGUEIRO DOS VINHOS

LIMITES DE VELOCIDADE

Dado o interesse que tem para conhecimento público, trancreve-se aqui a *Nota Oficial* do Ministério das Comunicações sobre os limites máximos de velocidade para os veículos automóveis, em determinados períodos:

« Ao abrigo n.º 6 do artigo 7.º do Código da Estrada, pode o Ministro das Comunicações fixar limites máximos de velocidade para os veículos automóveis, nos períodos em que a intensidade e características do trânsito imponham essa medida de segurança rodoviária.

Aproximando-se um período de fim de férias que normalmente implica grandes volumes e especiais condições de trânsito, julga-se oportuno instituir com carácter obrigatório tal limitação de velocidade para os motociclos simples e automóveis ligeiros sem reboque, fora das localidades e em todas as estradas do Continente, com excepção das auto-estradas.

Assim, pela primeira vez no nosso País, se adopta essa imposição na convicção de que todos os interessados lhe darão espontâneo e exacto cumprimento, voluntariamente contribuindo para a indispensável campanha de segurança nas estradas.

Os resultados obtidos em outros países e a experiência já feita em alguma das nossas estradas levam à conclusão de que se impõe procurar por todos os meios estancar ou diminuir o caudal de vítimas, de sangue e de prejuízos ocasionados pelos acidentes de trânsito, muitos deles originados por excessos de velocidade.

Tendo em conta, porém, que essa medida restritiva de velocidades se instituiu pela primeira vez entre nós com carácter genérico, a respectiva Portaria, que dentro de dias será publicada no «Diário do Governo» fixa a velocidade máxima instantânea em 90 quilómetros por hora, fora das localidades e excepto nas auto-estradas, limite este que se considera amplamente liberal e que naturalmente terá ainda de ser condicionado pelas características das estradas e pelas demais disposições legais em vigor. A referida Portaria fixa essa velocidade máxima para dois períodos: um, a título experimental e de adaptação, entre as 12 horas de sábado, 24, e as 24 horas de domingo, 25 do corrente, abrangendo portanto um fim de semana que se prevê de intenso trânsito; outro período, este já mais longo e coincidindo com o fim das férias e abrangendo o feriado de 5 de Outubro, que irá das 12 horas do dia 29 de Setembro às 12 horas do dia 6 de Outubro próximo.

O primeiro período destina-se primordialmente a adaptar o espírito dos condutores de automóveis ao cumprimento das medidas, verdadeiramente inovadoras, que se contêm nas disposições que recentemente alteraram o Código da Estrada. O segundo constituirá já uma confirmação do alcance dessas medidas, as quais serão, num e outro, severamente fiscalizadas pela Polícia de Viação de Trânsito e demais autoridades competentes. Os referidos limites são estabelecidos sem prejuízo de outros que lhes sejam inferiores, devidamente sinalizados, ou genericamente impostos pelo Código da Estrada.

Ao instituir a próxima obrigação de velocidade limitada, o Ministério das Comunicações confia na boa compreensão de

todos, especialmente dos condutores, e espera que dessa medida resulte um apreciável decréscimo dos acidentes de trânsito.

E para que lhes seja dado rigoroso cumprimento foi ordenada uma vigilante acção da Polícia de Viação e Trânsito, ao mesmo tempo que se farão distribuir avisos redigidos em português, francês e inglês tendentes a elucidar convenientemente todos os condutores.

Em resumo, fora das povoações excepto nas auto-estradas, a velocidade máxima dos motociclos simples e automóveis ligeiros sem reboque vai ser limitada a 90 quilómetros por hora, nos seguintes períodos:

— De 24 de Setembro, às 12 horas, até 25 de Setembro, às 24 horas;

— De 29 de Setembro, às 12 horas, até 6 de Outubro, às 12 horas.

FERNANDO SANT'ANA
RETRATOS
TODOS OS TRABALHOS
FOTOGRAFICOS

Rua Dr. José António Pimenta
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Alugam-se

Duas moradas, com 4 casas, varanda e casa de banho no prédio do antigo Café Avenida, na Rua Major Neutel de Abreu (próximo da Shell), um dos melhores locais desta vila.

Quem pretender dirija-se ao seu proprietário

JOAQUIM DA SILVA

Assine este
JOURNAL

As Escolhas Dramáticas de Maria Curie

Sceaux, 21 de Abril de 1906. No cemitério tranquilo da pequena cidade, um grupo de homens e de mulheres vestidos de preto rodeiam uma sepultura aberta.

O homem que estão a enterrar era um dos maiores sábios do seu tempo. Chamava-se Pedro Curie e fora esmagado por um camião numa rua de Paris, ao sair duma reunião de professores. Tinha 47 anos.

Junto do caixão, muito direita, está a sua esposa, Maria Curie. O véu preto dissimula-lhe os cabelos louros, o rosto enérgico, inflexível até, os olhos azuis que as lágrimas perturbam.

Entrando na sua pequena casa da avenida Kellermann, cheia de recordações de Pedro, Maria Curie entrega-se à sua dor. No seu diário íntimo, dirige-se, uma vez mais, àquele que já não existe:

... « Meu Pedro, penso sempre em ti, a minha cabeça estoira, e a minha razão perturba-se. Não compreendo como tenho de viver sem te ver, sem sorrir ao doce companheiro da minha vida... »

... « Na rua, ando como hipnotizada, sem me preocupar com nada. Não me matarei, nem mesmo tenho desejo do suicídio. Mas entre todos os carros não haverá um que me faça partilhar da sorte do meu amado? ... »

... « Quero dizer-te que já não amo o sol nem as flores; a sua vida faz-me sofrer, sinto-me melhor nos tempos sombrios como no dia da tua morte, e se não odeio o tempo bom é porque os meus filhos precisam dele. »

Maria Curie sofre então uma crise terrível. Está sózinha, daqui em diante, para escolher o seu destino. Deve contentar-se com ser a viúva dum grande sábio, com honrar a sua memória, conservar a sua lembrança e educar os seus filhos, ou deverá continuar a obra científica empreendida, já grande para dois investigadores, mas temerosa para uma mulher, encarregada da família, isolada e sem dinheiro?

Depois de semanas de angústia, de dúvidas, Maria Curie resolve continuar sózinha a empresa começada com Pedro de quem ela, acima de tudo, admirava o génio.

Na verdade, toda a sua vida impunha esta escolha; está marcada com decisões corajosas até ao heroísmo.

Aos 18 anos

Aos 18 anos ela habita em

Varsóvia, na Polónia. Estamos em 1885. Ainda se não chama Maria, mas Manya; nem Curie, mas Sklodowska. Perdeu a mãe aos nove anos e vive com os irmãos e irmãs com o pai, professor de física e matemáticas. Mas o pai teve reveses de fortuna. Não pode assegurar o futuro que sonha para os quatro filhos. É isso torna-se tanto mais aflitivo quanto Bronia, a filha mais velha, e Manya, a mais nova, se revelam almas excepcionalmente dotadas. Durante três anos, Bronia vive ocupada com as tarefas da casa, quando tanto desejava ir estudar medicina para Paris. Este pensamento tornou-se insuportável a Manya. Um dia, fala com o pai e propõe-lhe uma solução heróica para uma rapariga de 18 anos. Ela deixará a universidade e fará de preceptora numa família. Com o seu salário pagará os estudos de Bronia. Quando for doutora, ela por sua vez ajudará Manya a vir para a Sorbona.

Ninguém calculará o preço desta decisão para a tímida Manya. Ah, a famosa Manya! Nem quanto sofrerá durante seis anos ao serviço de outrem. Mas manter-se-á, sem se queijar, terminando, simplesmente, no seu diário, o balanço destes anos com esta frase: « Primeiro princípio: não se deixar abater nem pelas pessoas; nem pelos acontecimentos. »

Manya tem agora 27 anos. Foi admitida primeiro à licenciatura em física e depois à licenciatura em matemáticas. Vive num pequeno quarto junto da Sabornia, alimentando-se de chá e pão com manteiga, toda entusiasmada com os seus estudos e com os contactos com o mundo científico francês.

Aparece Pedro

Uma tarde, recebe um convite para jantar com um físico polaco. Está ali outro convidado, Pedro Curie.

... « Quando entrei, conta ela, Pedro encontrava-se num vão duma porta-janela que dava para uma sacada. Pareceu-me muito jovem, embora tivesse 35 anos. Fiquei impressionada com a expressão do seu olhar claro e por uma boa aparência de desleixo na sua elevada estatura. A sua conversa um pouco lenta e reflectida, a sua simplicidade, o seu sorriso, ao mesmo tempo grave

e simples, inspiravam confiança.

Pedro Curie era então um dos físicos mais prometedores da sua geração. Filho dum médico apaixonado pelas ciências, o seu espírito de invenção, a sua imaginação criadora tinham já produzido frutos. Desde os 19 anos consagrara-se à investigação, sem se preocupar com fazer carreira no ensino ou com obter títulos e postos oficiais.

A emoção profunda que Manya Sklodowska experimentara ao encontrá-lo tinha sido partilhada por ele também. Pedro Curie compreendia logo que acabava de descobrir a mulher capaz de partilhar dos seus sonhos científicos e dos seus sonhos de felicidade. E esse choque foi tanto mais forte quanto se havia já convencido de que tal mulher não podia existir. Por isso, sem demora, para não deixar perder esta oportunidade maravilhosa, algumas semanas depois deste primeiro encontro, pediu a Manya Sklodowska para ser sua esposa.

Manya pressentiu logo o que poderia ser a vida junto dum homem de tão elevado valor. Só que não se julgava com o direito de responder favoravelmente a um pedido que transtornava todos os seus projectos futuros, pois nunca pensara ficar em França. Patriota apaixonada, tinha pensado, terminados os estudos, voltar para a Polónia para junto do pai, para trabalhar entre os estudantes e manter bem viva a alma do povo polaco sob a ocupação czarista.

Por isso, resolveu passar as férias maiores na Polónia e fazer lá a sua escolha. Dividida entre o amor ao seu país pelo qual tinha um verdadeiro culto (a Polónia era então duramente oprimida pelos Russos), e a inclinação forte que experimentara para Pedro Curie, hesitou muito tempo. Aconselhada pelo pai, escolheu finalmente Pedro e a França.

A 25 de Julho de 1895, Manya Sklodowska torna-se Maria Curie e durante onze anos vai viver e trabalhar na mais estreita união com o seu marido. Não como simples colaboradora, mas como verdadeira parceira e companheira do grande sábio, oito anos mais velho que ela, tomando uma

Informações fiscais

Obrigações dos Contribuintes no mês de Outubro

Até ao dia 15

Imposto complementar
— Secção B

As sociedades e demais pessoas colectivas sujeitas a imposto complementar deverão apresentar na repartição de finanças da sua sede, de 1 a 15 de Outubro, a declaração modelo 6, em duplicado.

A renovação da declaração só se fará quando houver alteração nos elementos declarados, incluindo aquele em que deixou de haver tributação em todas as contribuições e impostos parcelares que constavam na última declaração apresentada.

A declaração modelo 6, deverá juntar-se, se beneficiar da isenção de qualquer dos impostos parcelares e não estiver determi-

nada a respectiva matéria colectável, as declarações e demais elementos a que estaria obrigado na falta daquela isenção.

Até 31

Pagamentos
de Contribuições
e impostos

- Pagamento do imposto complementar — Secção A.
- Pagamento da contribuição industrial dos grupos A e B respeitante à liquidação definitiva.
- Pagamento da 3.ª prestação da contribuição industrial grupo C.
- Pagamento da 4.ª prestação da contribuição predial quando dividida em 4 prestações.
- Pagamento da 2.ª prestação da contribuição predial liquidada nos termos do § 2.º do art.º 226.º no Código da C. Predial.
- Pagamento do imposto de circulação do 4.º trimestre.
- Pagamento do imposto de compensação do 4.º trimestre.

Imposto de transacções

Entrega na tesouraria da Fazenda Pública por meio de guia modelo 3, processada em triplicado, do imposto liquidado durante o mês de Agosto findo.

Juntamente com as guias de pagamento deverão os contribuintes apresentar na repartição de finanças competente, a relação discriminada das transacções realizadas durante o mês a que o imposto respeita, com indicação dos números e séries das facturas, valor líquido facturado e importância do imposto.

Imposto Profissional

Até 15

Aos contribuintes de conta própria que deixarem de exercer a actividade dentro dos primeiros 3 trimestres e, até 15 de Outubro, o comunicarem à repartição de finanças competente só será exigido o imposto pelo rendimento que a esse ano corresponder.

Visto pela Comissão de Censura

SEGUROS

Automóvel, Responsabilidade Civil, Fogo, Acidentes de Trabalho Agrícolas e todos os ramos autorizados por lei.

Irolinda Nunes Curado—
Telefone 34—Figueiró dos Vinhos.

parte decisiva nos seus trabalhos. E' ela a primeira que tem a ideia de tomar a radioactividade como tema das suas investigações, apresentando problemas tão apaixonados que Pedro deixa os seus para tomar parte na obra empreendida por sua esposa.

Da sua colaboração ficou nos um testemunho enternecedor: alguns pequenos cadernos com capas de pano preto, onde, dia a dia, anotava os resultados dos seus trabalhos, alternando e às vezes misturando a sua escrita clara e limpa, com os rabiscos rápidos de Pedro.

Continua no próximo número

Vila Facaia

Festa da Sr.^a da Piedade

Os festejos levados a efeito em honra de N. Sr.^a da Piedade nos dias 10, 11 e 12 do corrente, decorreram num nível digno de registo, constituindo um acontecimento festivo que perdurará durante longo tempo na memória de todos os que tiveram oportunidade de a ela assistirem.

E outra coisa não era de esperar da Comissão de que faziam parte os Srs., José Lopes Barreto, Artur Nunes, Manuel Paiva, Manuel Vaz, João Henriques, Augusto Henriques da Costa, Albano Tomás e Albino Alves, todos do Casal de Além, que foram incansáveis na organização da festa e na execução do programa, que tanto na parte religiosa, como na parte profana, agradou dum modo geral.

Houve uns pequenos «senões», é certo, de que não foi culpada a mordomia, mas que não minimizaram o conjunto, que, como já disse, satisfaz plenamente.

A procissão que decorreu com pompa e profunda religiosidade, foi bastante concorrida; pena é que o percurso, seja tão limitado, para uma concorrência de fiéis tão numerosa.

A Imagem de N. Sr.^a da Piedade ia coberta com notas de 500\$00, 100\$00, 50\$00 e 20\$00, o que denota a crença que anima o povo da nossa terra e arreadores, que embora alguns labutando longe do seu torrão natal, não esquecem o dia próprio da sua festa, a ela acorrendo com a sua presença e com o seu óbulo, indicativo seguro da sua religiosidade. Destacavam-se na Procissão umas quinze fogaças, que emprestavam à cerimónia uma nota da típica religiosidade de antanho.

Houve fogo preso e do ar, que satisfaz plenamente a numerosa assistência. No domingo, após a procissão foi quando a concorrência de pessoal foi mais numerosa, não se metendo pé no vasto arraial.

Exibiu-se um Rancho de Almeirim que agradou dum modo geral. A aparelhagem sonora sem descabidos exageros, também esteve à altura do seu objectivo.

Está, pois, de parabéns a Mordomia, que operou com brio, bom senso e com verdadeiro espírito de religiosidade, não se tendo notado quaisquer discrepâncias.

Património dos Pobres

A Câmara Municipal deste concelho, a solicitação da Fábrica da Igreja Paroquial de Figueiró dos Vinhos, cedeu um terreno com a área de 1050 metros sita ao Carvalhal da Sr.^a dos Ramédios, ao «Património dos Pobres», desta vila, para nele serem construídas algumas casas para pobres.

**Senhoras Agricultoras:
Vendem-se Oliveiras
de Viveiro**

Tratar com José da Conceição Napoleão ao fundo da vila — Figueiró dos Vinhos

cias, forçando-nos a asseverar que não podiam fazer mais nem melhor.

Sem querer ferir as susceptibilidades das Comissões transactas, ousamos afirmar que a de 1966 se impôs sob todos os pontos de vista, pelo que sinceramente e justificadamente a felicitamos.

Mais uma vez emitimos a nossa opinião de que as receitas da festa, deviam ser entregues a uma Comissão especial, de que fizessem parte 3 ou 5 membros — pessoas idónias, incluindo o Pároco da Freguesia, para, de harmonia com um critério justo e adequado às circunstâncias, administrarem os saldos respectivos.

Ultramar

Para Timor seguiu, em missão de soberania, por via aérea, no mês p. p., o alferes miliciano Sr. Fausto Dias Lopes da Costa, natural das Várzeas, a quem apetece-mos boa viagem.

Finanças

Foi colocado em Torres Novas, na chefia da Secção de Finanças, por transferência de Porto Moniz — Madeira, o nosso particular amigo Sr. Manuel Alberto das Neves, de Aldeia das Freiras, funcionário de raros predicados, a quem apresentamos os nossos cumprimentos, felicitando-o, bem como a seus pais, por assim se ter aproximado mais dos seus.

Também foi transferido do concelho de Gavião para o de Rio Maior, onde foi colocado como Chefe da Secção de Finanças, o nosso prezado amigo Sr. Mário Augusto Quevedo, natural das Várzeas, desta freguesia, que se tem distinguido como um funcionário de carreira à altura das suas funções. Por tal motivo, daqui, lhe endereçamos um abraço de felicitações.

Em férias

A passar as férias, com suas famílias, encontram-se entre nós, na Salaborda Velha, os Srs. Abel Pascoal, funcionário da Companhia Colonial de Navegação; António Simões Alves, aposentado da Companhia de Carris, e Manuel António de Sá, funcionário do Cinema Monumental.

Para Lisboa, partiu, após alguns dias de férias bem merecidas, o nosso prezado amigo Sr. António Mendes Dinis, que vai retomar o exercício das suas funções.

C.

Amaro Henriques

Chegado recentemente de França, encontra-se em Povoa-Vila Facaia, o Sr. Amaro Henriques, nosso prezado assinante, em visita aos seus familiares.

Desejamos-lhe numa óptima estadia ao mesmo tempo que lhe apresentamos os nossos cumprimentos.

A situação na Índia Portuguesa

Interessa arquivar o telegrama de Lourenço Marques que a A. N. I. distribuiu a toda a Imprensa e que dá conta do que é a situação cada dia mais grave, da Índia Portuguesa vítima de sequestro:

Fui expulso por ter aderido ao «Movimento de Libertação de Goa» e desejar o regresso dos portugueses — declarou ao matutino «Notícias», de Lourenço Marques, o estudante goês Agostinho de Sousa, expulso da União Indiana e chegado à capital de Moçambique a bordo do paquete «Karanja».

Filho de pais goeses, Agostinho de Sousa, que conta 23 anos, nasceu em Poona, na União Indiana.

Seus pais são modestos lavradores e residem agora em Raia (Goa). Foi educado na União Indiana, tirando o curso de «Maric» e «Inter-Science», pela Universidade de Poona ainda o segundo ano do Curso de Jornalismo pelo «Wadia College», de Poona.

«Que os portugueses voltem é

um desejo partilhado pela grande massa dos goeses» — acentuou o jovem Agostinho de Sousa, que as autoridades indianas expulsaram, não o deixando trazer consigo, apesar de ser portador de passaporte brasileiro, nada mais do que a roupa que trazia vestida.

Não podia de forma alguma conformar-se com as brutalidades que se praticam em Goa e à perseguição movida aos goeses pelos indianos — afirmou Agostinho de Sousa, acrescentando:

«Entre em contato com um grupo clandestino que ali opera ligado ao movimento. Através dele passei a receber panfletos, dos quais tirava cópias e distribuía pelos amigos. Fui preso e acusado de «colaboracionista». Expulsaram-me, mas insisti por um passaporte português e este foi-me finalmente passado pela Embaixada do Brasil em Nova Deli. Jamais renegaria a minha nacionalidade».

«Goa corre todo o risco de desaparecer do mapa, absorvida por qualquer dos poderosos Estados Indianos vizinhos — concluiu o refugiado goês.

Faleceu António Pedro

António Pedro ao desaparecer da vida pública portuguesa pode dizer-se que deixa um dos grandes vazios, numa panorâmica que não é rica em valores ecuménicos, em valores universais de realização.

Quase não houve nada na vida artística e cultural do País em que António Pedro não tivesse tomado parte. A poesia, as artes plásticas, o romance, o teatro (como teorização e como realização), o jornalismo, a reportagem — em tudo deixou António Pedro um pouco da sua excepcional personalidade. E, homem de seu tempo, e ele próprio nascido no Ultramar, não deixou de sentir o apelo ancestral da terra de origem. O seu livro de poemas «Diário» e os ensaios breves, publicado na revista «O Mundo Português» sobre a «morna caboverdiana» e sobre o arquipélago, em geral dão-nos uma dimensão que nunca faltou à sua obra: a ultramarina. No seu re-

fúgio de Moledo do Moinho, António Pedro descia ao Porto e a Lisboa, na ânsia de dialogar, de estar sempre presente. Mas era lá que ele se encontrava consigo próprio, no refúgio da sua bela e bem fornecida livraria, no convívio dos seus móveis (alguns desenhados e realizados por Ele) e dos seus quadros.

O grande público aprendeu teatro, com Ele, através do espectáculo e das aulas magnas por Ele dadas através da pantalha da T. V.. Para a rádio deu um contributo bastante longo, aos microfones da B.B.C. de Londres, durante o passado conflito.

Tal como atrás dissemos António Pedro foi uma personalidade rara em ecumenismo cultural. Ele lembra-nos na elasticidade do seu humanismo aqueles homens da Renascença que produziram o mundo da idade moderna. Ao perdê-lo, a cultura portuguesa ficou mais pobre, a cultura portuguesa ficou de luto.

Instituição de novas Corporações

Incluída nas comemorações do 33.º aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, que se iniciam no dia 23, figurou, como um dos mais significativos números de programa a instituição das novas corporações das Ciências, Letras e Artes, dos Desportos e Educação Física e da Assistência, cuja criação foi anunciada pelo Sr. Prof. Dr. Gonçalves de Proença, Ministro das Corporações e Previdência Social.

Trata-se das primeiras Corporações morais e culturais criadas entre nós, com elas se completando, assim, a organização corporativa portuguesa, até agora limitada ao sector económico. As três novas instituições competirá, pois, a representação unitária e integral dos respectivos interesses, e delas farão parte todos os organismos particulares de natureza cultural, desportiva e assistencial.

As referidas celebrações que o Ministério das Corporações inte-

grou nas comemorações do 40.º aniversário da Revolução Nacional, constam de diversas cerimónias, entre as quais a inauguração do edifício destinado às instalações do Ministério, à qual presidiu o Chefe do Estado; o almoço de confraternização Corporativa, na Colónia de Férias «Um Lugar ao Sol, na Costa da Caparica, presidido pelo Ministro das Corporações e durante o qual se salientou a fé nos destinos da organização Corporativa.

Ao meditarmos sobre estes trinta e três anos de política corporativa verifica-se que apresentam um balanço de realizações que prova que a doutrina se tem corporizado em realidades de largo alcance para os trabalhadores e de grandes benefícios para a Nação. No clima de paz social em que essa política se desenvolve assinaram-se centenas de contratos colectivos de trabalho, estabeleceram-se férias pagas, criou-se o sistema da previdência, construíram-se milhares de

Depoimentos qualificados sobre a ÁFRICA PORTUGUESA

Inúmeros testemunhos da ingente tarefa portuguesa em África surgem todos os dias na imprensa estrangeira.

Recentemente, uma ilustre personalidade analisou a obra civilizadora que Portugal está a realizar em África. Trata-se do Rev.º Padre Emilio Schmitz, director da Rádio Vaticano, que considera «sem paralelo no Mundo a obra civilizadora que Portugal continua realizando em África».

Revestem-se do maior significado as suas declarações, recentemente feitas ao jornal «O México».

Com efeito, o responsável pela Rádio Vaticano, que acaba de visitar as províncias de Moçambique e Angola, as quais, afirma, nunca pensou fossem tão evoluídas «como posso ver com os meus próprios olhos», salienta que a nossa obra civilizadora se desconhece na Europa, que «está a cometer um grande crime fazendo um «complot» de silêncio contra Portugal, que está a lutar pela sobrevivência duma civilização e triunfará em África».

Depois de considerar a presença da Igreja nas províncias ultramarinas como primeiro fundamento da nossa obra civilizadora, afirma-se convencido de que se a Igreja é o que é na África portuguesa, «isso se deve à compreensão e colaboração do Estado». E acrescenta: «Só uma estreita colaboração entre a Igreja e o Estado é que explica este fenómeno extraordinário que é uma Pátria multirracal. É admirável o convívio pacífico de tantas raças, numa interpretação perfeita do Evangelho».

Concluído, o Rev.º Padre Emilio Schmitz assegurou que furá tudo para que a nossa obra civilizadora em África seja conhecida e imitada.

O director de Rádio Vaticano foi acompanhado nas suas visitas pelos srs. Giorgio Luigi Bernucci, responsável pela secção de política externa do «Observatore Romano», e Eurico Zuppi, director do Jornal «Osservatore della Domenica», os quais se afirmaram do mesmo modo excelentemente impressionados com o progresso que se verifica por toda a parte nas nossas províncias ultramarinas, bem como «o convívio pacífico de todas as raças que constituem uma Pátria única».

VENDEM-SE

Casa de habitação com rés do chão, primeiro e segundo andares, sótão e cave, na Rua Dr. António José de Almeida, desta vila, aonde se encontra instalado o quartel da G. N. R.; e Casa de habitação com lojas, primeiro e segundo andares, na Travessa da Fonte, desta mesma vila.

Informa o Sr. Acúrcio Portela — Figueiró dos Vinhos.

casas económicas e enraizou-se, tanto entre operários como entre patrões, o espírito de harmonia e de dignificação do trabalho e do trabalhador, que é, afinal, a maior conquista do sistema.